

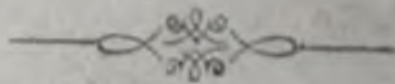


II-73,1.1

José Leão

BN

GRITOS DA CARNE



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA—CINCO DE MARÇO—RUA D'AJUDA N. 35

1875

GRITOS DA CARNE /

A Illustrada Redação da

POR *Vi do Summeiro*

off. o Author

José, Leão



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA—CINCO DE MARÇO—RUA D'AJUDA N. 35

1874

M. 111
5-4-60
4086
19-9-69

A' memoria de um grande poeta

HOMENAGEM

A um dos talentos mais robustos das gerações modernas

A

Manuel Antonio Alvares de Azebedo

AUTHOR DA

Noite na taberna

E DA

LYRA DOS VINTE ANNOS

O. D. C.

O author.

Je pense à présent que tout le monde a
raison, excepté les poètes. La poésie est
une maladie du cerveau. Je ne parle plus
de moi, je suis guéri.

ALFRED DE VIGNI (CHATTERTON).

Ins
front
gem
tifica
En
das li
lencia
que p
manos
sólo b
dida
sa

PROLOGO

Inscrevendo o nome de Alvares de Azevedo no frontespicio do presente livro, além da homenagem devida a sua memoria, hei mais ou menos justificado assim o espirito desta minha publicação.

Entre os poetas que se transviarão pelo influxo das litteraturas estrangeiras, attrahidos pela opulencia e brilhantismo de suas roupagens, foi elle o que pelo seu genio innovador e esforços sobrehumanos conseguiu, sósinho, transplantar para o sólo brasileiro uma nova eschola europeia, esplendida na fórmula, porém, se me permitem a expressão, traiçoeira e assassina no fundo!

▲ poesia de 1820 passou como uma labarêda ar-

t le monde
la poésie est
se parle plus

HATTERTON)

dente sobre todos os corações bem formados, des-
vairando todas as frentes, mas em nenhum d'elle
lavrou mais forte nem com intensidade maior do
que no daquelle moço pallido e sonhador que ape-
nas despontava nos horisontes da vida e já era
presa de vehementes paixões!

Nas suas mãos a musa do romantismo tornou-se
o retrato escarnado da messalina das ruas...

Aquelle desespero do Manfredo, aquella loucura
do Fausto, aquella sombrio delirio, aquella em-
briaguez do Rola degenerarão n'uma febre de
crápula, n'um desfaçamento inaudito que sem
repugnar ao bom-gosto offende todavia á morale
ao pudor!

O idéal de então erão as Laïs, as Phrineas, as
Marcos modernas, que vivem das orgias onde pal-
pitão aos beijos de fogo do vinho e do cognac, dor-
mindo nos bordeis, n'as e desbragadas, das noites
ao relento!

O sensualismo sobre-nadava em todas as paginas dos livros assim escriptos!

Esta curta phase de nossa litteratura não foi estudada como devia e a poesia de Alvares de Azevedo feliz ou desgraçadamente não teve continuadores fosse porque era difficil ou porque o *hom senso* havia-a condemnado *in limine*!

Os *Gritos da carne* como uma variante que são e o resultado de algumas mallogradas tentativas no seu genero, revelão por seu turno os echos surdos e abafados desses desejos ardentes que vão pela alma de todos embora se não traduzão em factos, desse anhelar soffrego e desesperado pelo gosar de todos os instantes; são elles uma copia viva e fiel desse estado indifinivel a que a alma é arrastada pelo corpo, em que os impetos do coração offuscão de todo a mente, e a materia, soberana despotica do mundo, sahe victoriosa da lucta interminavel travada contra o espirito!

O principal caracter do livro é a contradicção manifesta das ideas, a desordem das paixões que tumultuão, o riso, as lagrimas fingidas e uma predilecção inexplicavel pelas cousas impossiveis.

Quanto à reunião de todos esses elementos, só a critica sensata e desinteressada poderá ajuisar diser se fiz bom ou se fiz mal.

Rio — 1874.

GRITOS DA CARNE

ADORAÇÃO

Eu adoro o prazer, a carne nua,
A pelle assetinada,
Uns olhos onde amor vâga e fluctua,
A palpebra rôxeada ;

Uns vestígios de insomnia transparente
N'um rosto virginal,
A vida consumida ardentemente
N'um gozo sem rival!

Eu adoro a mulher conforme a virão
Os nossos mareiantes,
Quando às margens dos rios distinguirão
A passos não distantes

A cabocla que impavida mostrava
O seio descoberto,
Sem receios do olhar que a devorava
Da gente ali tão perto!

Eu adoro a mulher qual inda existe
Nas selvas indianas
A pensar no prazer, de rosto triste,
A' porta das cabanas...

Porque sabe que custa-lhe na vida
Amar com tanto ardor!
E em troca de um sonhar vêr estorquida
A pudibunda flôr!...

Eu adoro a mulher como a gozára
O deus mais sensual
A banhar-se na voia d'agua clara
Em flos de crystal...

E, qual cysne osculando o niveo seio,
Ouvil-a suspirar !
Eu adoro morrer de devaneio
Contente por amar !



AO RELENTO

Amar ! amar ! eu sinto, com effeito,
Que nasci para amar e nos teus braços
 Fartar-me de desejos...
Que agradavel prazer não tem meu peito,
Quando sonho comtigo a dar-te abraços
 E beijos sobre beijos !

Oh! vem adormecer com teu amante
Quando as brisas no val forem plangentes
Os sonhos acordar ;
A lua que se erguer então distante
Verá nossas cabeças inda quentes
De gosto repousar !

Nossos labios dirão fallas de amores,
Alegrias de noites que passarão
Ao sussurrar do vento :
Ali, de teu viver sonhadas flôres
Ao fogo de meus beijos se abrasarão
No goso de um momento !

E... te foste visão dos sonhos bellos,
Como a nuvem formada nas alturas
Em rapido voar !
O' virgens que eu amei, louras Consuelos,
O que vale sonhar tantas venturas
Se a vida ha-de findar ?

LAIVUS DE DESCRENÇA

Descrença que se vive

A. de Vasquez.

Eu não creio, meu Deus, que além do mundo
Exista outro viver, mansão de graça.
Diferente do bérzabro profundo!

E' tudo uma illusão da humana raça,
Baqueia inérme o corpo miserando
Sobre a terra impellido da dosgraça !

A mente vos creou, sonho nofando,
Como estorvo aos prazeres desta vida
Gozados uma vez de quando em quando !

Mas eu é que não creio ! parricida
Serei de minhas crenças muito embora
Embotando no lôdo alma descrida !

A ancia do saber que o ser devóra
E' quanto existe em nós de verdadeiro
Tanto dentro da vida como fóra !..

Se Deus é nosso pae, seja o primeiro
A chamar-nos a si, em bôa hora,
E dê-nos o gozar por derradeiro !

VARIAÇÕES

Eu era uma creança e duvidava
Que existisse alguém mais, além das serras
Onde o curvo horisonte terminava,
Terminando tambem do mundo as terras;
Ensináráo-me a ler, mal eu sabia
Que a sciencia não passa de utopia!

Depois, fui me tomando do cuidado,
Desvendi outro mundo, céu e lua;
Perguntei a meu sêr quando agitado
Se acaso imaginava a essência sua!
Aos astros inqueri de noite e a modo
Se se amava devêras em sogredo.

Amei por intuição : foi um delírio
Meu primeiro, idéal e unico amor !
Sonhei a não poder sonhos do empíreo
Um corpo *demi-nu...* um ai de dôr !
Sonhei como o andaluz em noite amena
Sobre *el seno* anhellante da morena.

Uns dizem que o amor é dom celeste
E provém da pureza de costumes,
Da bôa educação de um genio agreste ;
Outros querem que o amor seja ciumes !
Tolice consumada ! amor é chamma,
Appetite voraz para quem ama !

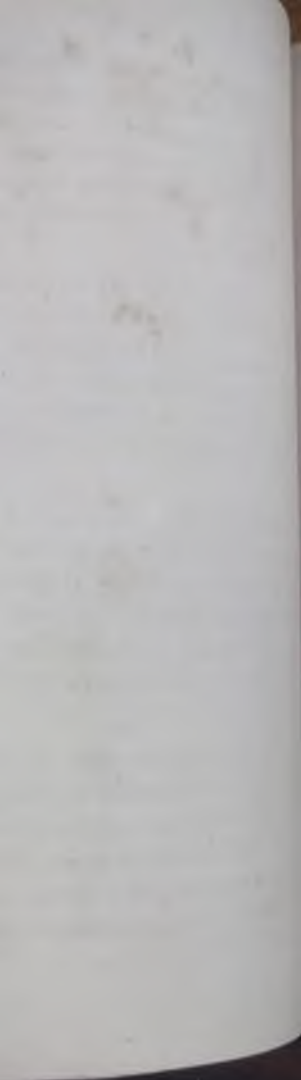
A voluptia bebida em seios mornos
Ou labios coralinos de donzella
Ardente de paixão sem os adornos
Que tornão a creatura menos bella ;
Viver e alimentar-se em seu perfume
E' gozar-se o amor, eterno nume !

E... calúda! me brada a musa em cheio
Receitando offender a certa gente
Que differe de nós, leitor, no seio...
No modo de sorrir casto e innocente!
Fique embora incompleto o meu esboço
A tratar de outras cousas me alvoroço!

E que chorem as nymphas de desejos
Por não lêrem de amor fiel retrato;
Eu descanto esses typos sertanejos
De suave candor e ameno trato:
Um vate como eu consagra ao berço
Ou na vida um poema, em morte um terço.

O' magicas visões da infancia bella
Quantas vezes de noite no meu leito
Não gemi de saudade! ou da janella
De minha habitação, opresso o peito,
Não mandei um adeus terno e queixoso
Sobre as azas do vento suspiroso!

Transporte-me o destino a outras terras
Por ventura aos paizes da Allemanha
Inda ha pouco exalçada pelas guerras...
Visite muito embora Italia, Hespanha,
A patria das morenas formosuras,
Eu sempre amar-vos-hei creanças puras!



LAMENTOS

Só tu não vens á noite do espectáculo.
O' minha chara amante,
Dansar á luz do gaz a walsa louca
No baile delirante!
Só tu não vens á noite do espectáculo
Pular como a bacchante!

N'um céo de amor os anjos se reclinão
Em flacido dormir ;
Beijão-se n'as as houris formozas
Sonhando no porvir !
N'um céo de amor os anjos se reclinão,
Que languido sorrir !

Só tu longe de mim pensas—quem sabe ?
No ouro dos bordeis,
E deixas de gozar ternas delicias
Em meio aos europeis !
Só tu longe de mim pensas—quem sabe ?
Nos falsos menestreis !

VARIANTES

Vem, musa do sertão! meu sêr delira!
Reclina-te em meu peito brandamente
E faz-me dedilhar na minha lyra
Mais um canto de amor em voz dolente!
Minha amante serás *peut-être* esposa
Se não fores visão mas outra cousa!

Eu sempre fui um bardo exquiritorio,
Desejei ter amores com ciganas
E viver oscanchado a um refeitorio
Entre gregas, francezas e romanas;
Percorrer o Oriente e ser o guia
Do moço D. Juan n'alguma orgia.

O—banho—foi meu sonho, desejei-o
A todos os momentos desta vida
Mas nas ondas febris de um alvo seio,
No marmore de uma alma appetecida,
Com musicas «ondras» de gemidos
De soluços com ais interrompidos!

Agora vonha languo e pudibunda
A virgem dos meus sonhos de estudante
Dormir no meu regaço! á noite abunda
Em prazeros ao peito de um amante!
E o perfume que exalão seus cabellos
Fará que os sonhos meus sejam mais bellos

Adous! vou repousar na pobre cama
E, em vez de proseguir que já me cança,
Sonhar com minha noiva que me ama
E nutre lá por mim certa esperança...
Se um dia me casar, (felicidade!)
Verei quanto sonhei em realidade!

CE PAYS-LA C'EST L'ITALIE

Ha no paiz das flôres tenues nevoas
Que se levantão nas manhãs divinas,
Sombras que passão de invisiveis anjos
E são Leonora, a Beatriz do Dante,
As doces Fornarinas!

Oh! nessas ondas de saudoso influxo
Vagas lembranças de inditoso amor
E a voz de Tasso as solidões povôa
E o echo espanta as alcyons que gemem
Aos lamentos da dôr!

Ahi, as notas de uma lyra aërea
Tambem um dia repetirão santas
Uma saudade á Graziella morta,
Mylie casto copiado á noite
Das harpas sacrosantas.

Aonde, Italia, os teus poetas jazem?
Aonde as crencas, a passada gloria?
Ai! se no leito se asphixta o genio!
Morre com elle a salvação da patria,
Os louros da victoria!

Do céu azul as perigrinas nuvens
Fugem melancolicas n'amplicidão sem fim!
E á noite a lua não produz mais sonhos
Nem Julieta nem Romeu se beijão
No ármo camarim...

Roma foi sempre a meretriz dos vícios
Mulher de todos que o prazer namora !
O amor é vinho, as serenatas fumo,
E a luz dos nichos das Madonas santas
A crápula se adora !

Pardos venerão teu passado, Italia.
Como lembrança de um viver de mel
E é a esta patria que existiu outr'ora
Que vem humilde consagrar um canto
O estranho menestrel !



FASCINAÇÃO

(Poema)

Tardes frias de inverno, nuvensinhas,
Que passaes ambulantes pelas serras,
Não vos lembrão o vir das noites minhas
No remanso do lar em minha terra.
Quando a lua surgia morencoria,
Assentado, a ouvir alguma historia ?

Contavão os anciãos que os bons guerreiros
Desses tempos heroicos que passarão
Erão homens de genio e os primeiros
Das armas no valor que exercitãrão
E que as damas irmãs de taes soldados
Erão fadas de reinos encatados.

A's vezes assumindo um ar profundo
Imprimião á voz mais negras côres
E fallavão das almas do outro mundo
Ensinando orações contra os pavores !
A turba dos ouvintes se ausentava
E um silencio de tumulos reinava !

Não é minha intenção tratar de cousas
Que o passado envolveu no espesso manto ;
Pézem sobre os heroes marmoreas louzas...
Leve o dia a resar quem já fôr santo !
Novas scenas direi e os meus louvores
Serão á musa incauta dos amores !

Hermelinda era o nome que puserão
Na pia-baptismal á heroina
Do meu canto sem par; tambem disserão
Que o padre chrisrador para o de Hermina
Mudou lá por motivos de implicança
Com parentes chegados da creança.

Mas não seja esta a duvida, eu desejo
E' que fiquem sabendo do occorrido...
Os padres têm poder pelo que vejo
De em tudo se envolver, como é sabido '
Voltarei ao começo do poema,
Resolvendo-o á maneira de problema.

O enredo se passa em um banheiro
— Especie de mansão —que cercão flores
A' margem caprichosa de um ribeiro..
Cantão aves ali ternos amores
De tarde, de manhã, ao vir da sesta,
Transformando este sitio em viva festa.

Habitava um dos cantos da casinha
Um sapo-cururú muito fallado ;
Sabia a passear de tardezinha
Disfarçando-se todo requebrado :
Andava lá por fóra e recolhia
Ao primeiro bater de Ave-Maria.

Hia ali se banhar da casa a gente
Que teme expôr-se ás vistas dos humanos
E o patusco bispava impertinente
Com olhos cubiçosos e profanos
As scenas do banheiro licenciosas
Das pessoas despidas mais formosas !

Tinha apenas dez annos Hermelinda
E dizem « ser moça » nessa idade ;
Um sapo que a enchergasse nua e linda
Não perdia seu tempo na verdade !
E se o bruto sentia agros anceios
Talvez fosse por ver-lhe os niveos seios !

II

Acontece que um dia estava nua
Firmado o debil corpo n'um joelho
Deleitando-se em ver a imagem sua
Reflectida nas aguas como a lua
E rindo á exactidão do argenteo espelho!

Excitada depois entra no banho,
Mergulha as leves mãos de fina alvura...
Corre os dedos aos seios com amanhão...
Accende-se em sua alma um fogo estranho...
E estremece de amor e de ventura!

As carnes se dilatão brandamente
Um suspiro arrebenta-lhe do peito!
Ella olha-se toda languescete...
Não sabe o que se passa em sua mente,
Como veio a sentir tão dôce effeito!

Presa assim de volupia n'um assômo
Espira então no sapo que fitava
Um por um os seus modos, gestos, como
Nas aguas da corrente se mirava...
Intenta resistir, subito córa !..
Da um salto ligeira e pula fóra !..

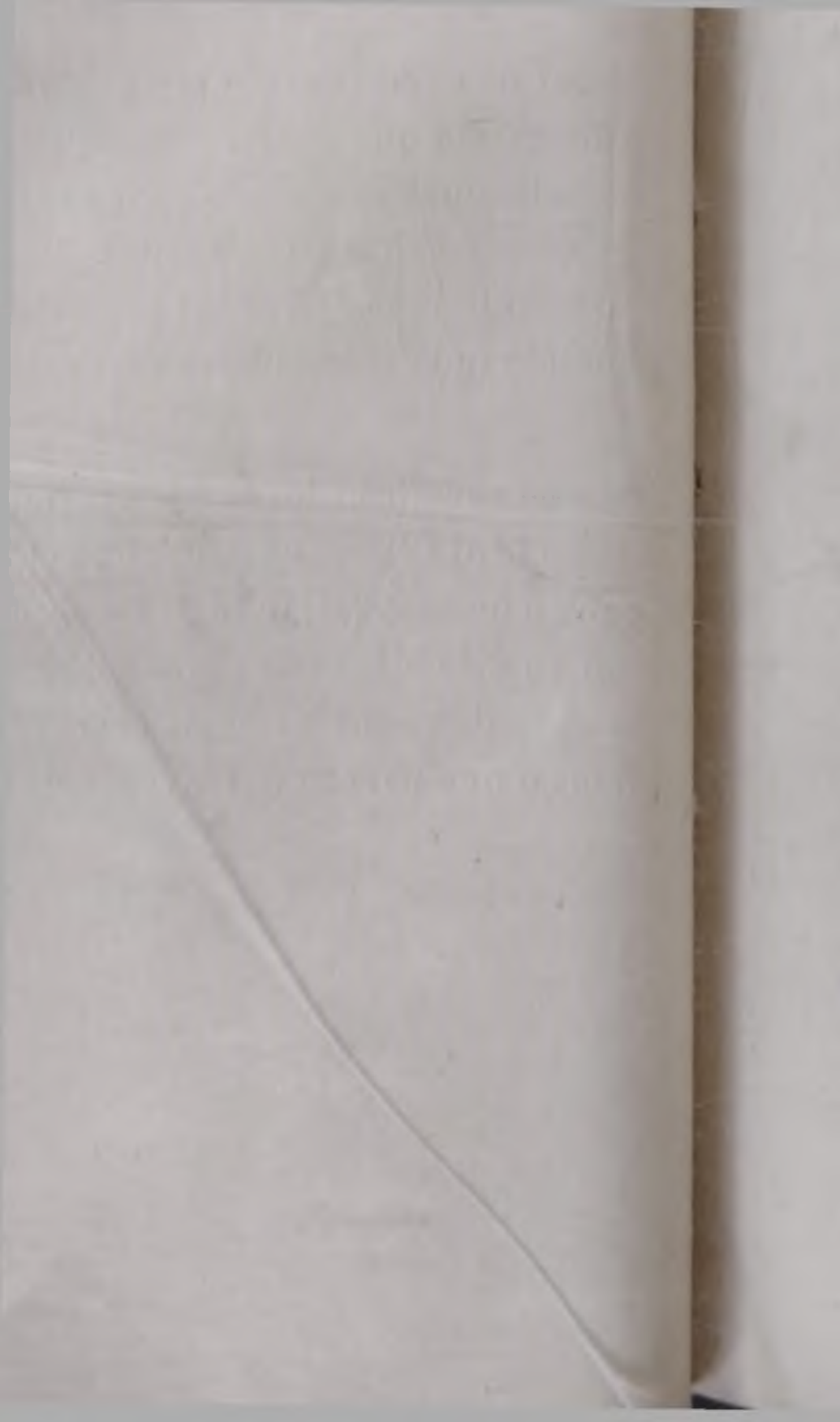
Vendo-a agora a fugir o cururiú
Arrancou-se do amado escondirijo,
(Escusado é lembrar que vinha nú)
E postou-se na porta de olho rijo !
Coberta de vergonha raiva e nôjo
A mocinha lhe assenta o pé no bôjo !

O espião namorado e sem ventura
Desprezado desta arte, toma brio
E vinga-se um ferrar-lho a dentadura !..
Sente febre Hermelinda, dôr e frio,
Volve á caza medrosa e alvoroçada
Morrendo um mez depois envenenada !

O heroe do poema existe ainda
Hom saudoso das formas seductoras
E do fogo ateiado de Hermelinda
Tomada de lascivia áquellas horas !
Conservando a lembrança da pisada
E o contacto da planta delicada !

Moral não tem meu canto, mas verdade
Affirmo-vos que encerra, meus leitores,
Demais, onde se viu com pouca idade
Fazer versos tão bons, zombar de amores !
Admira inda mais ver tal progresso !
Quando tudo entre nós vae em regresso !

E, sem ser absurdo, eu hei provado
Que o bruto é como a gente quando ama.
Sabe o homem fallar mais namorado
Em quanto elle mais soffre sobre a lama.
Mas, ambos sentem amor com igual ancia
E eis o que parece extravagancia !



PARALLELO

Eu não posso te amar! dei os meus votos

A outra que tu não.

O sentimento puro de amizade

E' quanto inda me resta e posso dar-te-o

E ser o teu irmão.

Aquella que eu ameí, que adoro ainda
Foi meu primeiro amor!
E' bella como tu; não é morena
Mas seus lábellos são também castanhos
Os olhos mesma côr!

Tu te fazes mais bem recommendada
A' minha gratidão;
Ella nunca me deu um só abraço
E esses beijos que lagrymas orvalhão
Na febro da paixão!

Ella via-me, é certo, seismabundo,
A' margem do caminho:
E sentia-mo ao ver bater-lhe o seio,
Como a onda que busca a praia langue
Mas treme de um carinho!

Sabia que me amava; que em seus sonhos
De amor e adoração
(!) meu nome escapava-lhe dos labios,
E de alguém era ouvido, que affirmava
Ser meu seu coração.

Mas sempre persistia em occultar-me
Os pensamentos seus...
E o que póde dizer nos treze annos
A creança que iguala as nuvens louras
Das azulados ceus ?

N'essa idade feliz a virgem sonha
A vida uma illusão !
Nos arroubos suaves da poesia
A alma a Deus se eleva - como incenso
Nas azas da oração ! >

Inda assim to direi tens sobre ella
Não raros predicados,
Não de essencia moraes porem riqueza,
Abundancia de carne e de contornos
E gestos mais ousados !

Amisade ou amor, o sentimento
Que ao serrar tua mão
Eu vejo desbrochar dentro em minh'alma
E' contrario ao que n'utro inda por ella.
Dir-se-hia uma paixão !

E's em tudo a rival mais perigosa
Do meu primeiro amor !
E eu desejo viver tanto a teu lado
Como outr'ora scismar no que ella era
Em relação á flôr !

Parece que ao me ver um fogo estranho
Anima-te a expressão !
Se me abraças ou beijas com ternura
Não podes suffocar tamanha chamma
Que lavra o coração !

EU AMO

Eu amo essas cabeças dissolutas
Que vendem no balcão seu corpo immundo...
O amor das mulheres prostitutas
Tem não sei que de grande e de profundo!

Que fôra de nós-outros sem aquella
Doce consolação e paz da vida
Que em vez de procurar n'uma donzella
Encontramos no seio da perdida !

Não desamo o pudor, fructo divino,
Um sorriso de Deus humanizado;
Ashaverus do amor cantando um hymno
De donzella em donzella enamorado !

Mas hoje só se encontra a hypocrisia
Na frente da mulher não pervertida,
O pudor é talvez uma ironia
A face da razão sempre illudida !

E por isso eu adoro uma loucura
Que é filha do prazer-necessidade.
A mulher que se vende é talvez pura
Mas renega este Deus-sociedade.

Qual dellas é melhor ? uma perdida
Que se apoia ao luar no peitoril
E trata de ganhar licito a vida
Com um sorriso de amor quasi infantil

Oh aquella que volve delirante
De um baile onde gozou horas inteiras
E, em vez de adormecer, sonha um amante
E timbra em se mostrar no lar de olbeiras ?

E' tão bello dormir n'um seio impuro
Como em sonho acordar n'um virgem seio !
A séde do prazer é o cranco escuro...
O amor nada mais que um devaneio !



MORTAL OU DEUSA

Quem era esta mulher? quem se não deusa
Me fazia sonhar tão largas noites

Um gozo celestial!

Mas, a crença de Deus repelle os myths...

O que um vate adorára em fórma d'auja

Era simples mortal!

Na duvida me tens, doudo Hamleto!
E' filha de Satan que veio ao mundo
Trazer-me o desvario?
Ou pensamento humano que se gera
N'um cerebro que oscilla como lampa
As refregas do frio?

Assim fizeste o ser, Deus de piedade.
Amassaste a cançar a pôdre argilla
E dóste-lhe a razão,
Para vêr-se ludibrio de si mesma,
Entreguo das paixões ao desespero
Imbelle e sem acção!

Eu fui uma das victimas expostas
A execração dos mais, a turba infame
Escarneceu de mim!
Os homens de razão que eu conhecia
Atiravão-me ao rosto estes motejos:
Só pensa em serafim!

Era um louco, meu Deus, mais do que louco,
Destinado a morrer como mendigo
No chão dos hospitaes!
E tudo, meu Senhor, porque eu amava
E sentia meu peito arder constante
No fogo das vestaes!

Se é vedado subir assim tão alto,
Porque deste, meu Deus, as azas de ouro
De ardente phantasia ?
P'ra que plantasto em nós esta taisea
Imitação do céo, da divindade,
O amor da poesia ?

A carne é como um freio que impuzeste
A razão, ao saber para vingal-os,
No mundo do prazer !
Assim quem tem amor padece febre
De goso e de mais goso insaciavel
De beijos de mulher !

E chamão de loucura uma miseria,
Uma herança do céo que teve o homem
Das mãos do Creador ?
E riem-se de dó quando elle passa,
Mão grado o seu semblante moribundo
De desbotada côr !

Ha tambem dentro em nós orgulho tanto,
Despreso esmagador, soberba e odio,
Quanto nelles de ruim !
Fitamos outro sol, á luz que emana
Do direito e da lei nós caminhamos
P'ra onde não tem fim !

Por ella é que eu soffri um tal martyrio
Fui poeta, cantei por entre as turbas
Nos desvarios meus!
As vezes era um anjo que me ouvia,
Outras vezes mortal, algumas, deusa
Nos attractivos seus!

A meu lado inspirava-me cantigas,
Me fazia beber nectar suave
Nos beijos que me dava?
Longo tempo viveu, gozou comigo
Esfolhamos a flôr aos quatro ventos
Da vida que passava!

LINA

Porque cÓras tanto, Lina?
Ea dizer que tens as pernas
Muito mais grossas que as minhas
E' razãO para corares!...
Honza-to Deus! que menina!
Querias tãl-as fininhas?

Que farias se eu ouzasse
Beijar-te as mãos delicadas
Quando as encerro nas minhas ?
Não comprehendendo essas moças,
Córam de subito as facos
Por cousas innocentinhas !

Agora, cautella ! Lina.
Não fallarei nem por sonhos
De certas tolices minhas !
Por exemplo aquella tarde,
Que eu te vesti de menino
E fui mostrar-te ás visinhas !

Bom tempo, Lina, faz pena
Que se findasse de pressa !
Doiam-me as pernas minhas
De correr atraz de ti...
Eras galante pequena !
E teu seio ? era uns nadinhas !

NOITE DE SETEMBRO

Minh'alma, é o que tu vês! paixão as horas
Ricassos mocetões em saturnaes,
As auras que solução mugidoras
Denunciação-lh'as vozes infernaes...

O leite brutal enche as medidas,
Agitam-se os bonecos nos salões,
Chovem flores, risadas desabridas...
Os seios se entumecem de paixões!

Só tu scismas, minh'alma, em teu destino.
Pobre filha de um languido sonhar!
Tivesse eu muito amor e muito tino
Para dar-te-os em paga de um scismar!

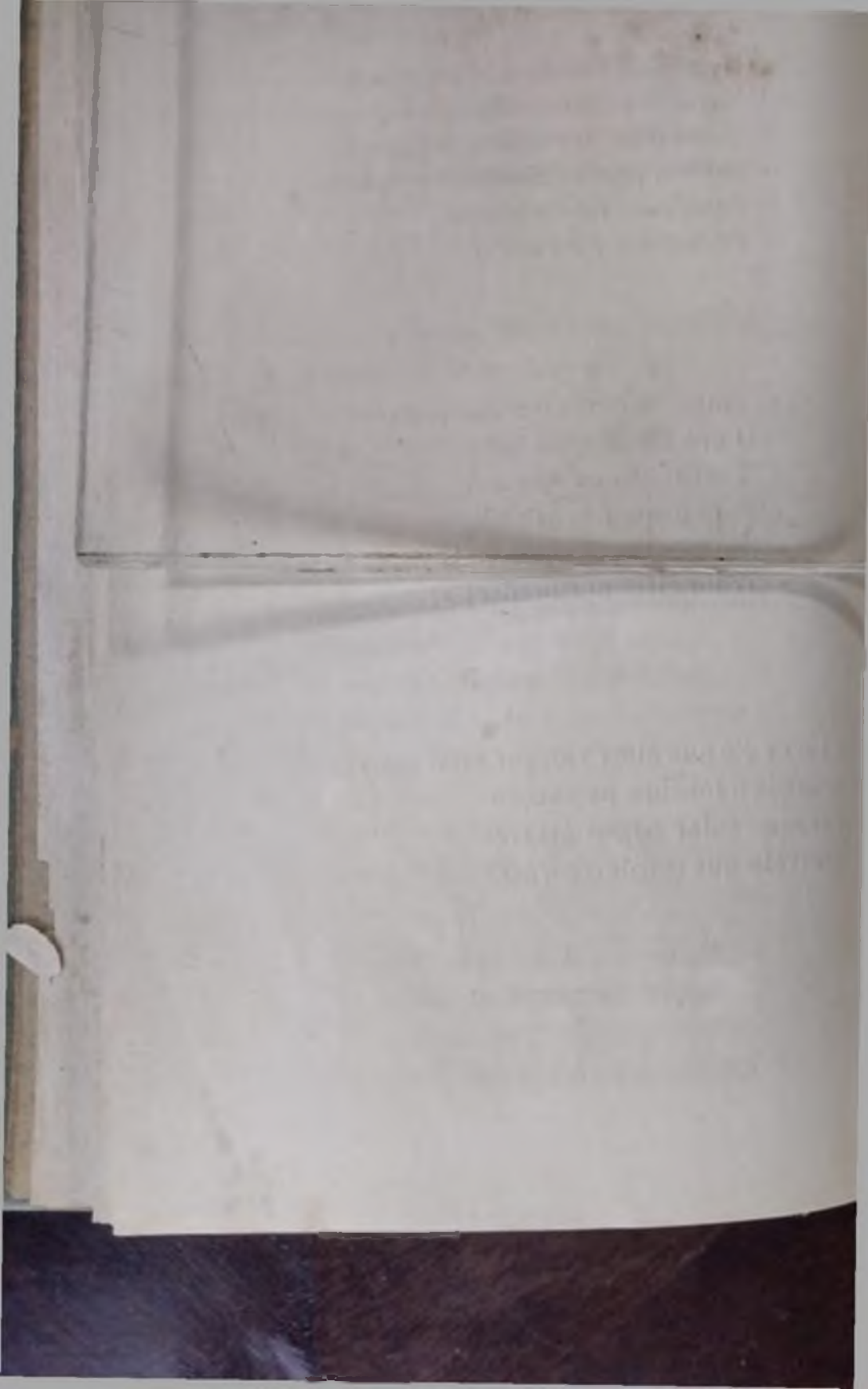
Saíamos a brincar por essas ruas
E' sandoso o luar, a noite bella;
Os remeiros descantão nas faluas
De amores lá do mar canção singela:

- « O' creanças namoradas,
- « Não me fujão sem motivos!...
- « Querem vocês ser casadas
- « Ou gosar prazeres vivos...
- « Saião fóra das janellas,
- « Venhão comigo donzellas?!

- « Iremos ver outras plagas
- « Novos céos mais azuizados
- « E ao carpir das manes vagas
- « Sobre a pópa reclinados
- « Gosaremos tantas covens
- « Et caetera, tal e tozados!

- « Valha-as Deus, ó preguiçosas!
- « O que fazem recostadas
- « A olhar tão cubiçosas
- « Para gente nas calçadas
- « São homens effeminados
- « Todos elles namorados!

Em terra é o que além vês, por esses mares
Sobrenada a loucura na canção.
Deveremos calar nossos pezares
E a duvida que morde o coração!



METADE DE UM RECITATIVO

(Imitação)

As rosas da face e em breve as do seio
Não foi sem receio que as vi desmaiar...
A lua passava nos ceos destrahida
E ella adormida sorria ao luar !

Que luz ! que ambiente ! cercava a donzella !
Que noite tão bella ! que grato frescor !
Nem branca neblina nos ares fluctua
Nem sombras à lua demandão-lho a côr !

.....

Eu tive-a em meus braços, beijei-a do leve
Seu corpo era neve, gelou-me ao tocar ..
Depois mais desportos unimos o peito
Gozámos n'um leito do mesmo sonhar !

.....

O sangue referve nas veias ardentes
Os labios trementes semelhante volcão !
A febre do gozo requeima os sentidos
N'um só confundidos—amor e paixão !

MELANGE

O século é de *mélange* ! os homens d'hoje
Procurão destruir o anachronismo
Dos tempos sem iguaes em que vivemos !
Entretanto decretão o ostracismo
Das lettras que é peor ! raça invejoza.
Só deseja é gozar, comer guloza !

Escarnecem das crenças mais sagradas
E riem-se dos maos, dos bons, de tudo !
Aparentão querer muito as familias
E uns philosophos são, mas sem estudo !
Vós podeis vos gabar, ricos senhores,
Que tendes coração para os amores !

E tu, que eu distinguia, ó mocidade,
Em que pensas á noite por ventura
No leito perfumoso da perdida
Que te abraça e te beija com ternura,
Depois de bom coiar nos lupanaros
Onde dizes que vas matar pozares ?

Responde-me, devassa porigrina,
Que percorres o mundo em liberdade ;
Acazo o seio nú onde repousas
Não lembra tua irmã, casta doidade,
Que soluça talvez ontro as cortinas
Nesses dias que o sol cobrem neblinas ?

Não te lembra tambem a mão que chora
Adulterino amor... ó sacrilégio !
De insensatos maridos conselheiros
Dum monarcha. doutor por um collegio ?
Se me fallas que o seculo é do misturas
Porque deixas poner taes creaturas ?

Mui fazem me soimmar umas olhoiras
Que me dizem que a noite foi passada
Em vigílias inuteis, perigosas.
A' força do avivar paixão anada !...
É a donzella que assim é tão pudica
Só doixa de casar se não é rica !

O' tempora, mou Deus, ó mores, Cicero !
A patria dos amores bandoleiros
Acazo não foi Roma, a patria tua,
Que os prazeros vendia a seus guerreiros ?
Engano, meu pagão ! aos teus patricios
Excederão os meus nos torpes vicios !

Exemplos de Catão nunca os tivemos.
Nem de Bruto o punhal nos causa medo !
Só diviso ameaças no futuro
Onde os netos do rei surgirão cêdo !...
Se Lucrocias morrossom quem faria
A sous golpes tombar a monarchia ?

Do que serve fallar de heroes defêzos.
Que vivem de comer publico emprego
A' custa da pobreza desvalida,
Do povo, este mendigo quasi cego ?
Melhor fôra o tratar de serenata
Nas noites do luar alvo de prata !

Se ha na vida paixões que elevão entes
Não me digão que amor não seja dellas !
Eu desculpo as Laís que os beijos vendem
E amaria-as até se fossem bellas !..
Perdôa-me, visão, que a ti sómente
Eu jurei de adorar eternamente !

INCOMPREHENSIVEL

I

(AO PÔR DO SOL.)

Encontrei-a a scismar á tardezinha
No largo do Rocio :
Passeiava, mas só. Atraz dous metros
Uma turba de moços desfilava
Aclamando-a rainha do deserto !
Além algum velhinho mandriola
Debalde lhe atirava uma graçola
Evitando mostrar-se a descoberto.

- És tu quem meus olhares aqui buscão
- Discipulo de Azevedo ?
- Eu li os versos teus que fallão nollo...
- Não sabes ? fui a amante de seus sonhos
- Em quanto não morreu !...
- Procurava um poeta que o *igualasse*
- E fallarão-me em ti, que eu procurasse
- Que havia de te achar e aqui vim eu !

Que gloria o *ser poeta* nesta vida !

Voar n'aza da fama !

E vir sobre a poeira das cidades

Causar aos reis da moda tanta inveja

Na rua ou nos salões !..

Que vale o ter-se *engenho* ! a vós patetas

Compete hoje elevar a nós *poetas*

Ao nivel dos heroes nos pantheões !

- Vês ? chega a noite a mesma noite ainda
- Que *virão* nossos paes !
- Noite de *estrellas* que os *poetas* amão
- Mais quando a lua se apresenta cheia
- E versos lhes inspira.
- Com ella iremos *consumir* as horas
- Aonde não tem fim... dize : onde moras
- Não vês o peito meu como *suspira* ?

(AO ANOITECER)

Sahimos do jardim, o sino echoava
Bradando Ave-Maria...

Ninguem o seu chapeo ali tirava
E nem se interrompia

A musica a tocar: só eu sci-mava
E o pensamento meu além pairando,
Contemplava a visão do meu passado
Na téla do sertão, onde resando
Via um povo constricto e ajoelhado!

O anjo do Senhor seja contigo

O patria do meu ser!

• Porque choras assim, meu doce amigo!

Inquire-me a mulher...

Ah! tu não sabes, no meu peito existe

Uma saudade eterna, inditfnida,

De quando alegre fui, hoje sou triste

Não sei como olvidar possa esta vida!..

E' rico o meu paiz! à sombra escura
Dos verdes palmeiraes
E' tanta a gentileza e formosura,
As graças naturaes;
Que não se pode meditar um instante
Nesses lugares sem chorar de dor!
Ali criei-me, percorri infante
Montes e valles, descampado em flôr!

Queres? partamos: esta vida é sonho
Gozada lá no lar...
E ao dizer me senti menos tristonho
Em vôo pelo ar!
Onde me levas do Satan modelo?
Eu prefiro abordar contigo o inferno
E vêr o que lá tem de grande e bello
Entre aquelles que abraza o fogo eterno!

- « Descancemos aqui, me disse a bella.
- « Eu amo a solidão!
- « Em torno de nós dous natura vòlla
- « Desde os dias de Adão...
- « No paraizo entrei, fui a serpente
- « Cuja voz escutou Eva medrosa!
- « Como era bella a flôr do Omnipotente!
- « O homem nunca a teve mais formosa!

« Que mais era mister? vaga harmonia

« Soára mollemente,

« Como o sonho de amor que preludia

« O goso ao innocente !

« Um como que arrular de dous pombinhos

« Beijando-se na relva onde pousarão

« Começou de se ouvir, erão carinhos...

« Que os mais felizes seres inventarão !

« Imitemos os dous, assim as palmas

« Do triumpho terás

« O que sentirão lá aquellas almas

« Aqui tu sentirás !... »

E antes que eu dissesse uma só phrase

Ella tomou-me nos marmoreos braços...

E a natureza um longo veo de gaze

Estendeu sobre a terra e nos espacos !

(AO LUAR)

Mulher que scismas ao luar da noite
Que fazes sem dormir a taes deshoras?
O teu amante esperas anciosa
Ou appellas p'ra a sorte « Assim auroras
• Tem-me visto suspirar sózinha
• A' porta de meu lar. » Quem pois esperas?
« Quem ? elle não virá, era bem moço
« E morrera na flôr das primaveras ! »

Oh! fazes-me lembrar um rosto amigo
Cabellos como os teus, cintura fina...
Um amor infeliz nem vale a pena
Recordar-me a te ver dessa menina...
Se soubesses ainda como adóro-a !
Como fez-me soffrer esta creança !
Chorarias de dó, como hoje choro-a,
Sem recursos no céo, nem esperança !

Quando á noite as estrellas scintillavão
Entre nuvens pejudas de tormenta
E o trovão retumbava alti-sonnante
Derramando terror que o raio augmenta,
Era certo de a ver entre os folhedos,
Dos rapidos fuzis aos esplendores,
Agitar-se de manso e ao dar comigo
Atirar-se p'ra mim louca de amores !

Outras vezes á luz da branca lua
Mais tarde do que agora ella esperava
A' porta que eu viesse, ó nessas noites
Não era mais feliz ! Ella me amava
Repetia-me quanta vez quizesse
Mas era amor de irmã, como dizia !
Mulher ! se inda és capaz d'amar na vida
Não busques deste amor que é poesia !

Eu sigo ! « Onde já vas ? » venho do Fausto
O theatro roubou-me a noite inteira !
Emquanto eu por lá hia a minha amante
Tinha outros mortaes á cabeceira...
Mulher, quanto me custa ver chorando
Uns olhos como os teus ! abre-me a porta.
Por ventura o luar te inspira n'alma
A esperança de amar que viras morta ?

(A' LUZ DA CLAREIRA).

Vês? sou bem moço no florir da idade
Fui um mendigo que implorei amor!
Hoje só peço o esquecimento em vida
Desse passado consumido em flor!

Não me supponhas um mancebo louco
Sem fé nem crenças no porvir que é seu!
Seria iniquo renegar dos deuses
Quando os meus males não provém dos céus.

Tu que és formosa que já foste amada
Dize já viste solidão maior
Do que ser moço e ter a morte n'alma
Do que ser vivo e não gosar amor!

É por oxinola que eu recebo os beijos
Que me dispensas sobre o meu rosto
Embora eu pague te agradecer muito
Tu és um anjo para mim do céu!

Não!... se tu chora- calares as magoas
Verás cerrada no meu peito a dor!
Ah! fui um louco em te fallar de sonhos
Quando na vida já não tens amor!

Amemos hoje ao despertar das aves
Ergamos alma ao creador do céu!
Assim com ella eu concelvi mil noites
Passar de gozo sobre o leito seu!

IV

(A' LUZ DA CLAREIRA).

Vós? sou bem moço no florir da idade
Fui um mendigo que implorei amor!
Hoje só peço o esquecimento em vida
Desse passado consumido em flor!

Não me supponhas um mancebo louco
Sem fé nem crenças no porvir que é seu!
Seria iniquo renegar dos deuses
Quando os meus males não provém dos céus.

Tu que és formosa que já foste amada
Dize já viste solidão maior
Do que ser moço e ter a morte n'alma
Do que ser vivo e não gosar amor!

E' por esmola que eu recebo os beijos
Que mo dispensas sobre o seio teu
Embora eu pague te agradeço e muito
Tu és um anjo para mim do ceu !

Não !... se tu choras calarei as magoas
Verás cerrada no meu peito a dor !
Ah ! fui um louco em te fallar de sonhos
Quando na vida ja não tens amor !

Amemos hoje ao despertar das aves
Ergamos alma ao creador do ceu !
Assim com *ella* eu concebi mil noites
Passar de goso sobre o leito seu !

(A' PRESENÇA DE DEUS)

Era a mesma mulher que à tarde ou vira
Nos devaneios meus!
A pallida visão dos meus sonhos
Na juventude em flôr!
Quantas vezes segui-a merencorio
Pela noite dos ceus
A escutar-lhe dos labios n'um sorriso
Que eu era seu amor!

Quem sabe se era a amante dos poetas
A fada mysteriosa
Que seus sonhos povôa de chimeras
Mais bellas e risonhas
Que as pinturas das lubricas bacchantes
Da Grecia fabulosa?
Ou quem sabe se a musa dos antigos
De idéas tão tristonhas?

O que é certo é que a vi passar com ansia
Da febre nos delírios...
E sumir-se ao tocar da mais santa
Nas torres da cidade!
Onde fôra visão dos loucos sonhos
Tão alva como os lírios!
Eu a vi se sumir pallida e magra
Qual astro da madrugada!

Os seus beijos á morte conduzidos
Era em vida morrer!
Nos seus olhos azues um céu de anil
Brilhava a minha luz!
Era bella mais bella do que as fadas
Que dançam ao amanhecer!
Sobre o cóllo indolente lhe pendia
O Christo n'uma cruz!

O' Deus da santa paz, da caridade.
Já basta de dormir!
Ouve as queixas do misero que sofre
Devido ao teu amor!
Eu só tinha uma lei era a justiça
E foi-se sem me ouvir.
Ai! Jesus as visões te seduzirão
Não és dellas Senhor!

Quando andavas por cá perigrinando
Amarão-te as mulheres,
Os meninos buscarão-te contentes
Deixando sous brinquedos,
Que fazias Senhor? fóra a sciencia
Não tinhas mais praseres...
E inda morto persegues os amantes
Ouvindo os seus segredos!

Ah! graças meu bom Deus és tão calado
Nem ouves-me fallar!
Eu te vi uma vez entre meu peito
E um seio quasi nu...
Entretanto sustive-me com medo
Sem querer te magoar!..
E hoje inda me vens com tuas chagas
Lembrar quem eras tu?!

VI

(ULTIMO ADEUS)

Mulher quando eu morrer, no meu sepulchro
Pendura o teu Jesu!
E vae por alta noite pranteiar-me
Ao pé da minha cruz!

Eu virei donde estou na noite escura
Do triste passamento
Ter contigo na terra de meu berço
Num rapido momento!

Não me importa morrer, a morte ao menos
Sabe calar as dores!
O que doo é te ver vendida a outrem
Gozar novos amores.

A vida para mim foi um tormento
Que a morte porá fim.
Tive sonhos que amei, mas forão sonhos...
Amar não é p'ra mim!

No céo do meu viver tu representas
O astro mais brilhante !
Agora onde me levas no teu collo
Sombrio e palpitante ?

Inoro se és mulher, o teu mysterio
Me causa algum terror,
Um veo de pallidez te cobre a face
E véla-te o pudor.

Adens ! sombria imagem da volupia
Em horas de prazer,
Boa noite, mulher, gela-me a fronte
Receio não morrer !

MEDITAÇÃO

A LINS DE ALBUQUERQUE

O' meus sonhos de amor, ó meigas virgens,
Meninas que ao tocarem-lhes nos seios
Sentem dor !.. logo apóz deliquios d'alma !
Visões sobre visões de minhas noites.

Eu todos vos amei meus loucos sonhos !
Meu desejo era ver passar meus dias
Entre as flores brilhantes do noivado,
Aspirar o perfume inebriante
Das rosas mais cheirosas da existencia !
Foi quando te encontrei, flôr das campinas,
No retiro do amor nas êrmas tardes,
Mimo da solidão, éden de encantos,
Recatada, no seio alvo dos lírios !
Amei-te mais que a vida; teu semblante
Reflectia o arrebol da mocidade,
Inspirava-me n'alma um canto novo
De sagrada e recondita harmonia !

Era morena e bella esta creança,
Tinha-me muito amor e consentia
Que a beijasse nas faces incendidas,
Apertasse nos meus seus roseos dedos
E... fizesse ainda mais nos meus delirios!..
Insonte, ella brincava no meu collo,
E dormia sonhando nos meus braços
E, sorrindo, beijava-me nos sonhos !
Quantas vezes senti-a palpitante
Parecendo mover seus labios finos
Proferir uma voz, dizer: amemos !

Era sonho talvez que á minha mente
Fantastica nublava nesse instante
E fazia-me andar o pensamento
Pela esphera das cousas indivisiveis !
Vivemos como os passaros da selva
De canticos de amor na soledade,
Os echos das montanhas respondião
Aos soluços e ais mais resentidos
De nossos corações apaixonados.
E todo aquelle céu se povoava
De sonhos e illusões de nossas almas !

Archanjo tutelar foi no teu peito,
Que abriguei minha fronte scismadora
E minha alma aqueci á luz da tua !
Foi ahi que ao clarão das noites alvas
Sonhei muita ventura nos amores
Nos delirios da vida e nos prazeres.
Fôra bello gozar sempre a teu lado,
Amar-te como á lua as claras agoas,
Como as aves do céo á luz d'aurora !
Sentir-me esmorecer sobre teu seio
Sem forças para amar, desfallecido,
Saciado a corrente de teus beijos !
O sol da felicidade além sumiu-se

E a noite do infortunio arrebatou-te !
O' minha noiva! eu te perdi chorando
Desinhaste de dor sobre o meu peito
E, já morta, apertei-te nos meus braços.
Bejei-te nessa fronte descorada
E pedi a meu Deus que me levasse
Abraçado contigo á Eternidade!

A LOUCA

Eu me lembro de a ver inda na infancia
Brincar com seu irmão;
Depois crescer, sorrir, arfar com a vida
O tenro coração!

Amor é esta voz que então palpita
No seio das donzellas;
O sonho que seu somno á noite agita
A' face das estrollas !

Me recorde de a ver assim amando
Repleta de prazer !
E, entre os braços da mãe afflicta orando,
Mais tarde enlouquecer !

A voz do amante arrependido e crente
Despertou-a num beijo...
Ella abraçou-o, palpitante, ardente,
Corando de desejo !

PAGINAS DA VIDA

Amar! amar e sempre? eternamente!

A. DE ALVEEDO.

Sonhou honras, talvez, meu peito ardente
Noites longas de amor ao céu do Hespanha,
Glorias, fama e renome eternamente.
Junto ao garbo que sempre me acompanha.
Com tantas regalias vive a gente
Esquecida da magoa ou dôr estranha:
Comendo e engordando como um frade
Até que se transforma em obesidade!

Mas, cedo desses sonhos arrancado,
Protestei sempre amar á poesia.
Meu canto soará, horrendo brado,
Como o raio que torna a noite em dia.
E meu éstro singrando em mar dourado
Alaga-se em torrentes de harmonia !
E façanhas contando e maravilhas
Aportarei de amor ás frescas ilhas !

Quem me déra encontrar nesta abordagem
As deusas que Vellôso descobrira
Semi-nuas, occultas na folhagem,
Banhando-se nas aguas de saphira ;
Ou na relva brincando á fresca aragem
Com as fórmãs... que vél-as só, delira !...
Quando outr'ora nos mares de Oriente
Viu-se o Gama abarbado e sua gente.

E' do mundo o melhor-a bebedeira -
Disse um sabio, um philosopho, um poeta,
Um homem que levou a vida inteira
A pensar n'uma cousa de pateta !
—Ter dinheiro constante n'algibeira
Amar e do prazer tocar á meta—
E' tudo o que ha de bom nesta existencia
Passado um certo tempo de innocencia !

Esse tempo passou: foi n'outra idade,
Ensinarão-me a crer na Virgem santa,
Nas pessoas mais sacras da Triidade
Como obra dos céos que o mundo encanta!
Disserão-me que o Papa em castidade
Vencia uma donzella!... (isso me espanta!)
E que as onze mil virgens ursulinas
Se amirão foi no tempo de meninas

Quem é que não amou? conta a Escriptura
Que Sara teve a um rei no seu regaço.
Devido a sua graça e formosura
E aos conselhos que Abrão, d'asno um pedaço.
Lhe deu logo que ao Nylo a desventura
Levara-os quasi mortos de canção.
Esse rei sabem já—foi do Egypto
Um grande Faraó talvez bonito!

Sodôma foi queimada e justamente:
Deus bem soube o que fez matando um peccador
Que passava os seus dias mais contente
Do que o pinto deixando a casca do ovo.
O peccado de amar é certamente
Menos máo de tragar por isso o louvo!
E viva o Senhor Deus lá nas alturas
E no mundo do amor as formosuras!

Ah! vivão essas donzellas que perderão
A honra no triclinio e que gozárão
Largas noites de amor e perecerão
Entre os braços daquelle a quem amárão!
Vivão! vivão no céo se já morrerão!
E roguem lá por nós que cá deixárão!
Bebamos á saude dos prazeres,
Do vinho e da belleza das mulheres!

Só eu não tive um seio onde encostasse
A cabeça febril nas tardas horas
Do tedio; e em que á noite repousasse
Das fadigas da vida assustadoras;
E, esquecido de mim, então sonhasse
Com as delicias do céu encantadoras!
Só eu não tive um rosto de creança
Que infundisse-me amor, torna esperança!

Considere-se bem meu pensamento
Correndo em revisão scenas passadas
E casando ao presente sentimento
Aquellas que lhe são mais adequadas.
Maldizendo o viver por um momento
Pronunció verdades condemnadas...
O meu canto, em resumo, é a ironia
O riso da innocencia e a hypocrisia!

MICROSCÓPICOS

(AMOR SINGELO)

Amor é a luz de teus olhos
Quando se abysmão nos meus !
É qual vertigem dos céus...
Amor é a luz de teus olhos !

Amor são risos e flôres,
Segredos do coração ;
Suspiros dados em vão...
Amor são risos e flôres.

Amor, amor são encantos
Da natureza loucã :
A vida em sua manhã...
Amor, amor, são encantos!

(AMOR COM SOFFRIMENTO)

Eu amei estes vagos murmurios
Da briza pelo val,
As cantigas á noite dos camponios
Em roda do casal...

Os soturnos rumores da floresta
Da tarde ao desmaiar,
O nordeste a correr pelos vargedos
Em risco de cançar...

O fumo que subia das choupanas
Ali ao pôr do sol ;
E a serrania de douradas grimpas
Immersa no arrebol...

Mas entre tanto amor que me abalava
Não soube o que é sofrer ;
A dôr só é real no sentimento
Do amor da mulher !

(AMOR EPHEMERO)

Ialia ! a vida dos sonhos
Não dura mais que momentos ;
Vão-se os prazeres risonhos
Vem os dias luctulentos...

E após fadigas e dôres
A flôr mimosa dos céus
Diz adeus a outras flôres
Colhida da mão de Deus !

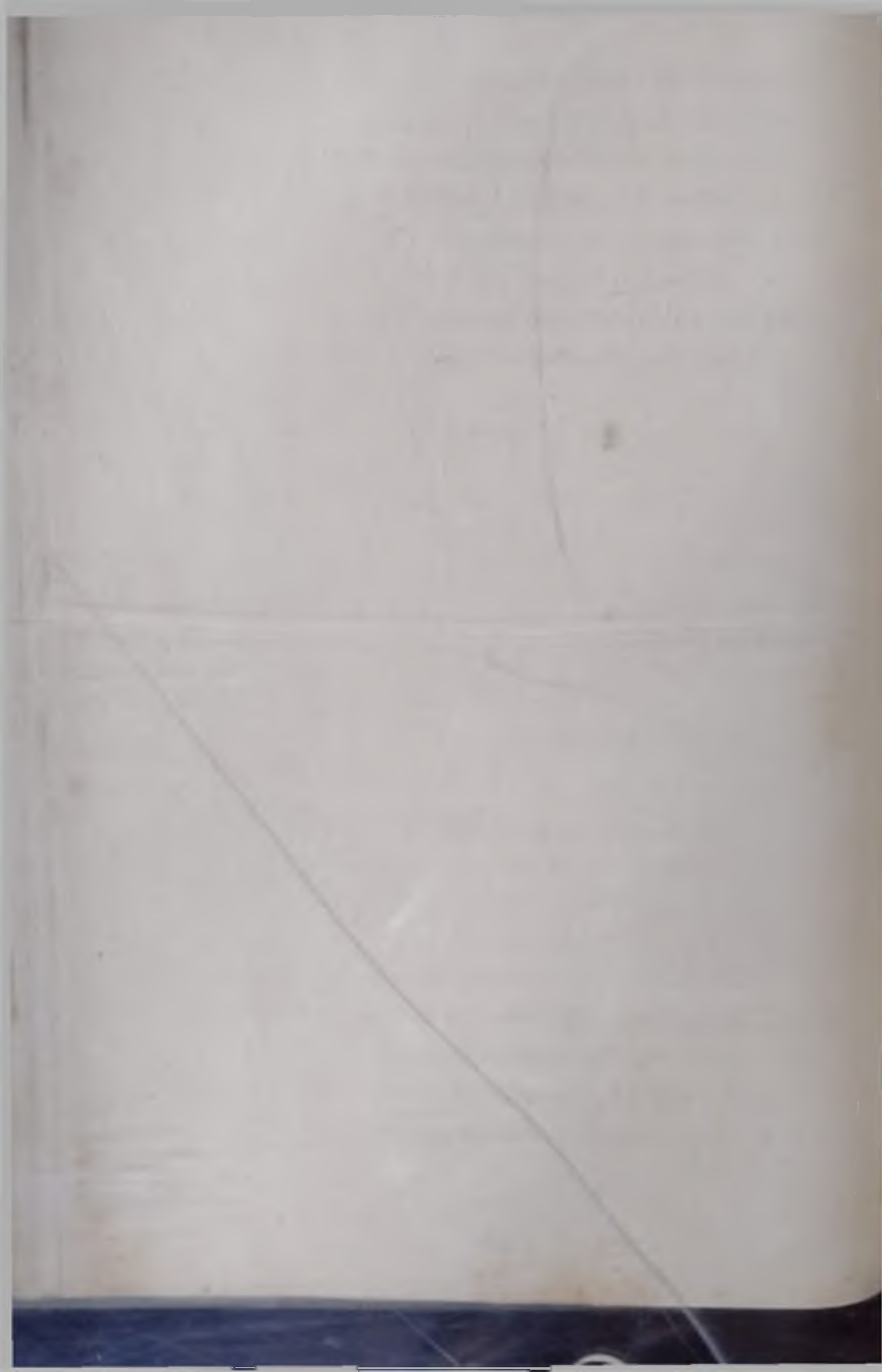
(AMOR SINCERO)

Para fallar a verdade
Já não me lembro osse dia
Em que primeiro nos vimos...
O que ou nunca esqueceria
E que fiquei te adorando
Como um anjo do Senhor.
É quem eras tu, creança?
O germen de um grande amor!

Ai não me peças a historia
Desse tempo afortunado!
Acaso não tens meus versos
Que fallão desse passado?
Como as tormentas marinhas.
As tempestades do amor
Nos levão com segurança
A algum porto salvador!

A confiança tardonha
Que nos assiste afinal
Afasta as lutas sombrias,
Arreda a idéa do mal!
« Ser feliz é ser amada... » (*)
E' ver no céu mesma côr.
O que val' dizer : eu te amo!
Tu retribues-me este amor.

(*) E. Vidal.



RECORDAÇÃO E SAUDADE

Brisas da tarde que embalaes as rosas,
Doces amigas, acolhei meus cantos ;
Ouvi-me as queixas, transportae nas azas
Uma saudade a quem me move os prantos.

No pensamento retratada tenho
A sua imagem tão gentil, tão bella ;
No cofre d'ouro de minh'alma as juras
Que protestou-me ao separar-me della...

Foi à tardinha, quando as nuvens roseas
Pairavão em torno de formoso occaso
E a ventania desfolhava as petalas
Das flôres murchas por um plaino raso ;

Ao pé da lympha que fugia anciosa
Ambos sentámos merencorios, tristes,
Com a voz tremente me abraçou corando,
Beijou-me e disse... o que só vós ouvistes !

Como foi longo aquelle abraço e beijo !
Senti bater-lhe estremecido o seio...
Abandonou-me quando a lua pallida
Surgio dos montes e espreitar nos veio !

TENTACÃO

Eu vivia tranquillo em meu retiro
Socegado e sosinho meditando
Nos casos deste mundo e no seu giro,
Erguendo-me na prece a Deus e orando!
Lá me foste tentar, Eva risonha,
Com teus pômos de ouro não colhidos...
Qual visão impalpavel que se sonha
Em extasis de amor embevecidos!

Teu rosto era velado por um manto
De innocencia e belleza inexprimiveis,
O talhe seductor, a voz um canto
De harmonias do céo irresistiveis.
Qual se fosse outro Adão no paraizo
Segui lonco teus passos na planura...
Gostosa transição ! o teu sorriso
Fez-me os dias lembrar da infancia pura !

Viu-nos Deus escondidos na folhagem,
Sustendo o respirar fraco, anhellante...
E nem sequer fallou na voz d'aragem
Que a face te ameigava nesse instante !
— Que havia eu de fazer ? eras creança,
Só querias brincar sobre o meu peito
E coravas á minima lembrança
De ser eu no porvir o teu eleito !

UM QUDARO

Vês aquella mulher que ali repousa ?
Quem julgas que ella é ? viuva ? esposa ?

Occulta o nome seu !

Era mãe de dous anjos de candura.

Crianças idóaes na formosura...

Duas virgens do ceu !

Ella sonha talvez, e busca em sonhos
O homem que a perdeu, porém, tristonhas,
Só pesadelos tem.

E nas trevas do sonho em que se agita
Ella tenta acordar, a voz em grita,
Não logra ver ninguém.

E as filhas onde estão ? prostitutas,
Forão longe buscar entre as perdidas
O óbolo hospitaleiro...

Uma noite dormirão descançadas
E acordarão nos braços, deshonradas,
Dos homens de dinheiro !

Nem ao menos lhe fôra permittido
Gozar esse prazer de dôr unguido,
Que a mãe nunca sentiu !
Miseraveis ! tiverão inda por paga
Um rir de insensatez, horrivel chaga,
Que ao peito lhes abriu !

E forão-se a zombar das desgraçadas
E a mãe que estava ali vendo-as banhadas
Em lagrimas gritar...
Consolou-as por modos diferentes
E as pobres creancinhas mais contentes
Beijarão-n a a chorar !

À MOCIDADE

Um dia em meu viver fôrão contar-me
Que zombavas de mim sem compaixão,
Tu podes muito bem acreditar-me
Que o mesmo eu lá te fiz na occasião.

Mau grado o teu querer, ó mocidade,
Eu represento em parte as crenças tuas ;
Se fujo do prazer, amo em verdade
Ver em sonhos de amor mulheres nuas !

Eu dirijo de ti unicamente
No odio que votei ás estrangeiras...
As filhas de Pariz, da Italia ardente
Não valem um só olhar das brasileiras !

Que importa que não sejas tu poeta
Se te engolfas á noite nas orgias
E a pobre da vóvó que esconde a neta
Mal sabe que a vás ver todos os dias !

E fallão que de ti nascera outr'ora
O gosto no Brazil pela sciencia,
Que vamos desfinhar de hora em hora
Como prova da nossa decadencia !

Eu não quero intervir em tal respeito,
Mas deuido de mais do teu bom senso !
Mocidade venal, só tens no peito
O vicio corruptor ! o pódre incenso !...

Ku posso assim fallar, ó mocidade,
Porque conheço a fundo o teu viver.
Ku tivés como tu a veleidade
De ouvir se me gabar pelo saber

E sabes qual meu fim ? o pessimismo
Só vira de real no mundo a morte
Viver é suportar sempre em cynismo
O fardo opprimidor da negra sorte

Na lucta desigual da intelligencia
A materia é quem sabe victoriosa.
A alma que se diz de eterna essencia
Succumbe á voz da carne imperiosa !

Ah ! misero poeta que sonhára
Na dôr do coração ser mais ditoso !
Do unico idéal, que acariciára.
As esperanças viu manchar no gozo !



A PROSTITUTA D'ALMA

I

Meu quarto solitario representa
A gruta de Camões! aqui as horas
Se paixão na vigilia.
Recordo-me do tempo em que brincava
Por entre os laranjaes colhendo flores.
No seio da familia.

Dou, comtudo, expansão aos meus pozares,
Lembrando-mo que fui feliz ao menos
Na infancia de meus dias.
No meio do silencio que mo cerca
Não vem me aborrecer pansudo frade
Com vis hypocrisias !

Perdoem-me os poetas do meu tempo
A pobresa da rima, o verso tronxo
Que ás vezes sôa mal...
E valha-me a intensão que é pura e santa
E o desejo de ser —alguma cousa—
No meu paiz natal.

Quem estuda o seu sêr á luz dos factos
Em frente a natureza que o circunda
E' por força um atheu !
Se é philosopho crê no Deus-materia
E, poeta, descanta as divindades
Que habitão o gyneceu !

Os homens como eu paixão no mundo,
Como austheros catões da humanidade,
Em pról dos seus iguaes
Onde ha chagas de vicios incuraveis
Fazem uzo do verso, applicão dozes
Em satyras mortaes !

II

Penetremos, leitor, em qualquer sala,
Onde se danse uma quadrilha ou walsa;
Verás muito mentir, lisonja e gala;
Mas a honra, o dever... moedas falsas!
Alegre entre o festim e a bebedeira
Impera de rainha uma loreira.

Ella é virgem do corpo e perigrina
No gesto que seduz, nas formas raras;
Tem os dons de reinar, alma ferina,
Mãosinhas de setim, rosadas, claras,
Calsa a luva com graça e facerice
E ostenta namorar por garradice!

E' louca por dansar; comprime ao peito
Um jovem que se diz ter doutorado
Em França de Paris! bello sujeito
Que falla o portuguez, porém cerrado...
Por que lhe não pareça ser da roça
Vite / vite! em francez lhe brada a moça.

E volvem por ali corça o viado
Imittando veloz nessa corrida
Da walsa dolirante ! o corpo arqueado,
Ella entrega-se ao par estremecida !
Mais tremula que o mar, mais palpitante,
Sonha agora um prazer, longe, distante !...

Reparem-lhe as feições ! o labio ardente
Convulsa de paixão, o seio arqueja...
E o que ha pouco era zephiro silente,
E' rigido tufão que se espaneja !
No rapido girar febreenta corre,
Gemenndo em convulsões como quem morre !

Se a formos encontrar n'algum theatro
Veremos que entretem uma platéa.
E conversa com dous e tres e quatro
De com todos casar na firme idéa !
Faz-se ás vezes de sonsa e ingenuamente
Confessa que ainda é muito innocente !

III

Do baile ou do espectáculo ella sahira,
A corda-se de tarde, aborrecida.
De haver-se despertado!
Tem saudades do leito onde dormira,
Dos destroços da lucta enfebrecida
Do espirito alguebrado!

As sensações do amor forão, donzella,
No enleio das paixões por ti gozadas
Em sonhos pueris!
A vida social te doura a téla...
E as noites de sarãos serão sagradas
Aos dotes senhoris!

E vives do prazer dos loucos sonhos.
De passeios a sós pelos pomares
Do êrmo torreão.
E nem sequer tu pensas nos tristonhos
Dias de lucto, de afflições, pesares
Que pungem o coração!

E gosta de imitar o gesto ousado,
A livre posição de uma bacchante
Que viras uma vez...

E cinges—um corpinho decotado—
Contra o seio que salta provocante
Em toda a regidez !

E deixas-te cegar por falsas chammas
A alma de emoções preza, captiva,
Num osculo de amor...

Não amas a ninguém e a todos amas...
E tremes de paixão qual sensitiva
Ao norte queimador !

IV

Sigamol-a no lar enfrente ao rico espelho
Ensaia um rir fingido e ao pae que é moço ou velho.
Pergunta se é formosa; lhe beija a fronte alva,
E pede que lhe chame brilhante estrella dalva !
Vaidosa ! este responde, és muito e muito feia
E o mais que alcançarás é vir ser papacea !

A mãe que a viu nascer não sonda o mar profundo
Que existe de volupia no coração immundo
Da filha que passeia de insonia apoderada,
Sciando em algum prazer ou festa asafamada
Tem a cabeça cheia de insipidas leituras
De versos e romances que são méras loucuras !
E ha quem affance que ler sensaborias
Illustra o pensamento que nutre-se de orgias...
Os unicos tratados que as virgens podem ler,
Como obra de valor intrinseco e saber,
São aquelles que fallão d'astro e nebulosas
E fazem da leitôra—mulheres preciosas !
Convém nunca esquecer, a prostituta d'alma
E' aquella que afecta immensa paz e calma
E sente-se abraçar por gosos incendida
A todos os instantes mais breves desta vida.

V

Muitas vezes a moça que se casa
E ha passado essa vida de loureira
Não sabe dirigir a propria casa
Onde o pobre marido é consinheira.
Faz papel de creada e o leito arranja
Emquanto a barboleta tudo esbanja !

E' missão do poeta ou romancista
Cortar pela raiz essas mazellas ;
Algum collega meu—idealista—
Não descia a cantar taes bagatellas.
Mas eu que sou devoto da preguiça
Em vez de imaginar, fiz-lhes justiça.

Eu vivi como a flor que occulta cheira
Entre as ervas mascias do caminho,
Colhera-me do pé mão traiçoeira
E finei-me na ausencia de um caminho ;
Um dia me inqueriu se era *constante*
E zombou, de me ouvir, com seu amante

E julgue-me feliz por ter na vida
Sucitado *affeições* que não gozára !
Quem me diz que a *perjura*, arrependida,
Não virá ser de mim—a esposa cara ?
Ah ! virgens sem pudor ! tanta belleza
Em almas de metal, delle, vil preza !

Me despeso tristonho desse canto
Onde mais uma vez provar queria
O que penso do amor mais casto e santo
Como aquelle que ha pouco eu descrevia ;
Obscuro cantor das meretrises
Fiz mal em me lançar noutros paizes !

PERDÃO A N. SENHORA

N'uma hora de humor fallei de Christo,
Ri-me do pobre que morreu na cruz !
Vão agora saber a causa disto:
Eu direi que Musset, nunca Jesus !

Contra o filho de Deus que pode o louco,
O misero poeta sem miolos
Com razão blasphemar? nada ou tão pouco
Que não vale excitar a raiva aos tolos !

Eu te peço perdão. Virgem Maria,
Não me leves a mal essa chimera !
Meu coração é bom, minh'alma é pia...
E arrependido estou do que fizera !

Eu sei que tens razão; elle é tou filho,
Inda mais, o é tambem do proprio Deus !
Mas estranho farol de falso brilho
Desviou-me da fé, como aos atheus !

Emquanto ; acho-me bom; creio nos santos
Como espelhos fleis da sã virtude...
D'ora avante verá se nos meus cantos
Entra o nome Deus-o povo rúde !

Á ACTRIZ ISMENIA

E quem era eu então ? opaca estrella
Entre véos de nevoeiro pardacentos
Ai ! misera plantinha que brotara
A' sombra dos abetos corpolentos
E, lá, donde arrancou-me a desventura.
Eu vivia feliz e acarinhada
Pelos beijos dos zephiros nocturnos
Ou perdida no céo da madrugada

E quem julgo que eu sou ? sterea nuvem
Impellida a correr de erro em erro.
Com a crença a estalar nos seios d'alma
Pobre filha de Deus exposta ao erro !...
E, ludibrio da sorte, o meu destino
Foi amar o « impossível » com desvello,
Consagrar minhas noites de vigília
P'ra ver realizado um sonho bello !

Era assim entre nós a irmã das musas
Que a tragedia promette e o drama encena...
Era assim entre nós o amor das artes
Num paiz destinado a melhor ana !
Quantas noites pendi desfallecida
Sem menor esperança no futuro
Ou sequer as promessas do presente
Que deixassem antever um céu mais puro !...

Estudava as paixões dentro em mim mesma
No exercicio da dôr e dos prazeres...
Promovendo uma lucta de exterminio
Entre o amor e o ciume das mulheres !
E ousa me queixar ? ai pobre louca
Já nem conservo do que fui memoria...
Falleça o canto da desdita aos labios
Ria-se a turba á aspiração ingloria !

Salve ilha do sul ! na tua fronte
Existe um quê de grande e magestoso
Distinctivo do genio ! ó salve, salve !
— Diamantino arrebol esperançoso !
Só tu podes brilhar no firmamento
Metéoro de luz, estrella ou sol,
Só tu podes á arte dar encantos
Como a noite os empresta o rouxinol.

Posues a chamma que electriza as almas
E gera applausos mais veloz que o raio...
E's a princeza dos brazílios palcos.
Flor que desbrocha nas manhãs de maio !
Ah ! só tu podes com teu vasto engenho
Doar á terra o que pertence aos céos,
Erguer o drama a regiões immensas
Como um hosanna que se envia a Deus !

A intelligencia que languoce e morre
Na lucta insana do soffrer atroz,
Redobre as crenças—um theatro nôvo—
Surge aos accentos de inspirada voz !
Os que são mortos deixarão as campas
Mais presurosos correrão á lida...
— Estatuas bellas —do proscenio em meio
O amor que as move lhes dá força e vida !

Ah ! virão dias de um porvir não longe
Em que teu nome memorar se veja
Como da patria a mais subida gloria
Neste scenario onde teu genio adeja :
Tu viverás nos cantos dos poetas
Que o pantheon das artes maravilhão !
Tu viverás nos seculos do futuro
Como á noite nos céos estrellas brilhão !

AMOR PLATONICO

A JOSÉ LEÃO

Quinquina tem o chique da andaluza
E certa languidez só das sultanas
A' tarde, quando passo-lhe na porta
Entre abre, para ver-me, as persianas.

Olhamo-nos... que enlevo ! nossos olhos
Encontrao-se nublados de vertigem !
Ella enrubece... eu louco de desejos
Devoro-lhe (com a vista) o seio virgem...

Não ando—cambaleio como um êbrio—
Olhando para traz qual um cigano ;
Digo-lhe adeus de longe e volto á casa
Mais triste do que um frade Franciscano.

A' noite, no silencio do meu quarto
Em tudo julgo ver a imagem d'ella :
Té mesmo na garrafa *sem cerveja*
Onde se ostenta *constipada véla*.

— Oh ! meu cigarro, daniel cheiroso,
— Só tu me podes adoçar as magoas !
— Procura-me livrar de tal naufragio...
— No oceano do amor ha tantas fragoas !

No entanto abro as janellas do meu quarto,
Contemplo a noite e o lampeão da esquina :
Ao longe um *trocador* tempéra a guela...
Enquanto que eu suspiro... por Quinquina

No somno ha sempre horriveis pasadelos
Para quem, como eu, dorme sem cêa ;
Ao passo que ella sonha agora mesmo:
— Ondas azues e cantos de serêa...

Atiro-me no leito— oh se ella visse-me
— Nos primitivos véus do desalinho !
— Se ella pudesse vir n'um vôo icario
— Ou transformada em lindo *passarinho*...

— Se ella me visse assim ! se aquelles olhos
— Podessem perlustrar quadro tão *frêdo*,
— Toda a illusão se desfaria em *pulva*
— D'esse amor tão gentil, tão *romanesco* !

E n'esse imaginar phantasmagorico
Peijado de miragens pr'a quem ama ;
Vem Morpheo visitar-me, traioeiro.
Entre os poucos lençóes de minha cama.

Quando rompe a manhã com seus perfumes.
Canções e trinos— de blandicias cheia ;
Do meu estomago um discurso obscuro,
Chorando a falta da passada cêa !

Sonhos de meu amor, phantasmas roseos
Perante mim desfilão um por um...

— Oh ! Quinquina ! meu anjo ! minha vida !

— Tu me inspiras paixão mesmo em jejum !

A inspiração transporta-me, fogosa,
Ao proprio céu em que meu anjo mora :
Alinhavo-lhe um verso bocejando
Que ri, que geme, que suspira e chora !

Assim passa-se o dia, té que a noite
Derrama pelas ruas seus vapores ;
E' hora em que m'espera ás persianas
A candida visão dos meus amores.

A scena reproduz-se : o mesmo riso
Trocamos com receio que alguém veja ;
Depois, para esquecel-a, vou correndo
A' casa do Maurin tomar cervêja.

LINS DE ALBUQUERQUE

FIM

INDEX

| | Page. |
|---|-------|
| DEDICATORIA. | I |
| ÉPIGRAMME. | II |
| PROLOGO | III |
| ADORAÇÃO | 1 |
| AO RELENTO. | 5 |
| LAIIVOS DE DESCRENÇA. | 7 |
| VARIAÇÕES | 9 |
| LAMENTOS. | 13 |
| VARIANTES | 15 |
| C'EST PAYS-LA C'EST L'ITALIE | 17 |
| FASCINAÇÃO (poema) | 21 |
| PARALLELO | 29 |
| EU AMO | 33 |
| MORTAL OU DRUSA. | 37 |
| LINA | 41 |
| NOITE DE SETEMBRO. | 43 |
| METADE DE UM RECITATIVO | 47 |
| MELANGE | 49 |
| INCOMPREHENSIVEL (ao pôr do sol). | 53 |
| » (ao anoitecer). | 57 |
| » (ao luar) | 60 |
| » (à luz da clareira) | 62 |
| » (à presença de Deus) | 64 |
| » (ultimo adeus) | 67 |
| MEDITAÇÃO (a Lins de Albuquerque) | 69 |

| | Pag. |
|--|------|
| A LOUCA | 73 |
| PAGINAS DA VIDA | 75 |
| MICROSCOPICOS (amor singelo) | 79 |
| » (amor com soffrimento) | 80 |
| » (amor ephemero) | 81 |
| » (amor sincero) | 82 |
| RECORDAÇÃO E SAUDADE | 85 |
| TENTAÇÃO | 87 |
| UM QUADRO | 89 |
| A NOCIDADE | 91 |
| A PROSTITUTA D'ALMA (posma) | 95 |
| PERDÃO A N. SENHORA | 101 |
| A ACTRIZ ISMENIA | 105 |
| AMOR PLATONICO (a José Leão) | 109 |

ERRATAS

Na Prostituta d'alma ás paginas 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, estrophes 4, 2. 1. 1 e 2. 1. 1 e 2. 2 e 4, onde estiver austheros, facerice e garradice, alquebrado e enleio, imittar e regidez. insonia. -ensaboria, intrinsêco, consinheira, *barboleta*, mascia, caminho e despeso; leia-se nos competentes versos austeros, faceirice e garredice, alquebrado e enlévo, imitar e rigidez, insomnia, -ensaborias, intrinseco, cozinheira e *barboleta*, inacia, carinho e despeço (Nota 1.*).

Nas poezias Parallelo e Incomprehensivel estes dous versos :

Inda assim te direi tens sobre ella.....

Não busques deste amor que é poesia...

deverão ser substituidos pelos seguintes :

« Inda assim te direi tu tens sobre ella »

« Não busques d'este amor que é só poesia »

Ha outras pequenas faltas de que se pede desculpa ao leitor (Nota 2.*).



ALVES

DE
SANTO
ANTONIO

JOSE LEAO